Fotografias que estiveram guardadas por mais de meio século. Imagens da cafeicultura nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Bahia, registradas entre as décadas de 1950 e 1970 por Armínio Kaiser - então agrônomo do Instituto Brasileiro do Café. Com prefácio de Ana Luiza Martins e artigos de Paulo César Garcez Marins, Vitor Carvalho, Armínio Kaiser e organizadores. Um convite a novos olhares sobre a cultura do café no Brasil.

Realização

Câmara Clara
Instituto de Memória e Imagem

Patrocínio

Nestlé Faz Bem

NESCAFÉ

Apoio

ProAc
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

ISBN 978-85-62002-06-5

Ao aroma **do café**

Organizado por Daniel Choma e Tati Costa

Ao aroma **do café**

Fotografias de Armínio Kaiser

Câmara Clara

As imagens e textos aqui presentes estão licenciados sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada*.
Para detalhes acesse: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR

*Você tem a liberdade de:
Compartilhar — copiar, distribuir e transmitir a obra.
Sob as seguintes condições:
Atribuição — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante.
Uso não comercial — Você não pode usar esta obra para fins comerciais.
Vedada a criação de obras derivadas — Você não pode alterar, transformar ou criar em cima desta obra.

Ao aroma **do café**

Fotografias de Armínio Kaiser

1ª Edição

Organizado por Daniel Choma e Tati Costa.

Artigos de Ana Luiza Martins, Paulo César Garcez Marins,
Vitor Carvalho, Armínio Kaiser e organizadores.

Atibaia-SP, 2013.

Câmara Clara
Instituto de Memória e Imagem

Colhedoras de café.
Fazenda São Pedro do Paraíso, de Juca Cintra Homem de Mello.
Itatinga-SP, 20 de Junho de **1955**.

Ao aroma **do café**

Fotografias de Armínio Kaiser

1ª Edição - Atibaia-SP, 2013.

Coordenação Editorial
Daniel Choma

Coordenação de Produção
Tati Costa

Legendas
Armínio Kaiser

Prefácio
Ana Luiza Martins

Artigos
Paulo César Garcez Marins
Vitor Carvalho
Daniel Choma
Tati Costa
Armínio Kaiser

Assessoria Técnica
Edson Luiz da Silva Vieira

Realização
Instituto Câmara Clara

Apoio
ProAc - Programa de Ação Cultural
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura

Patrocínio
Nestlé - Nescafé
Café Iguaçu

Projeto Grãos em Movimento
Website: www.camaraclara.org.br/graos
E-mail: contato@camaraclara.org.br

Foto de capa:
Colhedora de café no cesto.
Fazenda São Pedro do Paraíso.
Itatinga-SP, 20 de Junho de 1955.

A638 Ao aroma do café : fotografias de Armínio Kaiser / organizado por Daniel Choma e Tati Costa ; Artigos de Ana Luiza Martins, Paulo César Garcez Marins, Vitor Carvalho, Armínio Kaiser, Daniel Choma e Tati Costa – 1. ed. – Atibaia : Câmara Clara, 2013. 148p. ; 22 x 22 cm.

ISBN: 978-85-62002-06-9
Acompanha DVD com documentário.

1. Fotografia. 2. Memória . 3. Café – Fotografia. 4. Restauração – Acervo. 5. História – Brasil. 6. Projeto Grãos em Movimento. I. Choma, Daniel. II. Costa, Tati. III. Kaiser, Armínio. IV. Título.
CDD- 770

Na foto ao lado, colheita de café *'cereja'* no cesto.
Observa-se também a presença de *'passas'* e *'secos'*. **1955.**

Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, Programa de Ação Cultural 2010.

Sumário

Prefácio 10
Ana Luiza Martins.

Artigos 16
Daniel Choma e Tati Costa.
Paulo César Garcez Marins.
Vitor Carvalho.

Cartas 25
Armínio Kaiser.

Fotografias 43
Armínio Kaiser.

Plantio 49
Cultivo 75
Colheita 87
Secagem 101
Beneficiamento 131
Armazenagem 139

Prefácio

por Ana Luiza Martins

O Brasil, maior produtor de café do mundo, responde hoje por 1/3 da produção total do grão. Lamentavelmente, contudo, a bibliografia específica sobre o assunto ainda é escassa.

Desde 1830, quando o produto alçou ao primeiro lugar no quadro de nossas exportações, a matéria não foi contemplada com os cuidados merecidos. Naquela altura, a conjuntura propícia – clima favorável, terra virgem abundante, mão de obra escrava farta – levou à imprevidência da Monarquia, acomodada aos lucros fáceis, não se atendo a estudos para qualificação da cultura. Mesmo ao longo do século XIX, as iniciais análises sobre o tema resumiram-se a entrecortados relatos de viajantes estrangeiros, estudos de poucos botânicos e esparsas narrativas de cronistas abnegados.

Os primeiros sinais da crise de superprodução e queda de preços nos mercados internacionais, observados ainda que timidamente desde 1880, puseram em risco a força econômica de nossa então maior *commodity* e demandaram novas posturas.

Com certo atraso, cafeicultores e governos criaram instituições voltadas para o melhor aproveitamento da terra. Destacaram-se a fundação da Estação Imperial de Campinas (1887) – hoje Instituto Agronômico de Campinas - e a concepção, desde 1892, daquela que viria a ser a Escola Superior de Agricultura, da USP (ESALQ). Destas instituições nasceram, de fato, os primeiros trabalhos científicos, por iniciativa de agrônomos, agentes historicamente decisivos para as contribuições da área.

Mas, conforme o propalado adágio – segure uma xícara de café e tenha a História em suas mãos – historiadores também compareceram. O universo cafeeiro resultou em fonte primária preferencial para explicar a sociedade, a política e a economia do País. Na seqüência, vieram os economistas. A despeito de distantes da paisagem de origem, dos campos ondulados e simétricos dos pés de café perfilados, contribuíram com análises de peso sobre preços e respectivas oscilações de demanda das milhares de sacas, que singravam os mares para abastecer os mercados do mundo.

Ana Luiza Martins é Doutora em História Social pela USP, diretora do CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turísco do Estado de São Paulo, e autora do livro História do Café (Editora Contexto) e de várias outras importantes publicações sobre o tema. *(Nota dos Organizadores)*

A constatação de que, "depois da água, o café é hoje a bebida mais consumida do planeta", abriu-se novo leque de interesses e análises. O tema passou a ter o mesmo caráter estimulante e sedutor da cereja vermelha, propagado pelo marketing sofisticado dos cafés finos, pelos lugares históricos que marcaram a trajetória dos cafezais. E mais: o produto, fosse o grão ou a bebida, foi celebrado pela literatura oriunda dos campos e cidades do café, assim como pelos artistas do lápis e do pincel que registraram, com paleta diversificada de tons e magia, cenas de todo o teor, da semente à xícara, nas mais variadas estéticas.

Coado ou expresso, decididamente, nosso cafezinho – indissociável do imaginário nacional e da História do país – é a cara do Brasil. Nesse sentido, o presente livro – Ao aroma do café – reunindo fotos e legendas de Armínio Kaiser, agrônomo sensível e funcionário experiente do Instituto Brasileiro do Café (IBC), organizado e lindamente editado por Daniel Choma e Tati Lourenço da Costa, vem como verdadeiro presente. Da fotografia e das tantas representações que emanam da poderosa rubiácea, Ao aroma do café, ansiado não só pelos estudiosos e amantes do café, é deleite puro e aprendizado prazeroso para público amplo e diversificado.

Há muito que ressaltar nesta coletânea de imagens, legendas e textos. Destaque-se, desde já, seu caráter documental, trazendo a público o trato do café na especialíssima década de 1950, quando, na esteira do pós-guerra, o produto se valorizou na conjuntura definida pela escassez internacional dos grãos. Logo, recrudesceu o investimento no café e o governo passou a tratá-lo melhor.

Nesse contexto, em 1952, foi criado o Instituto Brasileiro do Café (IBC), para onde seguiu o autor das imagens deste livro. Como testemunha ocular especializada no trato do produto, eternizou, por meio da linguagem fotográfica, os tantos manejos que presidiram a nova cadeia de produção, nos espaços das Estações Experimentais, criadas pelo Governo em 1934, pós - Crise de 29.

As fotografias de Kaiser são retratos falados das soluções engenhosas, criativas e pouquíssimo conhecidas do plantio, colheita, beneficiamento e despacho do café, apreendidos em terras de São Paulo, Minas e Bahia. Também colocam em cena os tipos humanos da lida do cafezal, de pés descalços e calças rasgadas – alguns com a dignidade do paletó roto e de chapéu social – em etapa de frágil reconhecimento do valor do trabalho do homem do campo. Aliás, trabalho de homens, mulheres e crianças.

Figura nº 6 - A "abanação" tem por finalidade remover as impurezas mais leves como folhas e gravetos que são carregados pelo vento, enquanto que algumas pedrinhas passam pela peneira.

No Estado da Bahia, denominam esta operação por "big tar" o café.

Fazenda "Lageado" do Ministério da Agricultura.
Botucatú, junho de 1955. Est. de São Paulo.

As tomadas iconográficas perpassam o cultivo em fazendas experimentais dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia, assim como o Armazém Ipiranga do I.B.C., em São Paulo, edificação inovadora para o programa de uso específico da guarda do café ensacado. Com arquitetura industrial de ponta, marcou com seus telhados de zinco as cidades progressistas onde os armazéns do IBC se fizeram presentes.

Entretanto, a câmera de Armínio Kaiser capta e transmite outras mensagens merecedoras de arrolamento: a percepção de que o cultivo de cafés finos (agora retomado) era necessário; o registro da breve interrupção do secular cultivo em áreas desmatadas, experimentando trato sombreado com anjico; a novidade das mudas envoltas em laminado de madeira; a perfuraria mecânica para as covas; a grama intercalada para reter enxurradas; a aclimatação das mudas cobertas com gravetos no campo; o sulcamento para aplicação de fertilizante; a adubação verde com *Crolataria juncea* em café "Caturra".

Além disso, o fotógrafo conjuga imagens didáticas e artísticas, trazendo aparatos até singelos: a mula mecânica, o despolpador, o lavador, a vaca, os cestos de palha com parte da aba ausente para melhor adaptação ao corpo, as pás furadas.

De especial beleza são os arranjos do café nos terreiros, onde também se visualizam os trilhos, as vagonetas e as meias luas, que desviavam a água da chuva. A nova tulha secadeira e o elevador para sacas de café concluem a ilustração de todo o processo, para sucederem-se as imagens da sacaria lotando os armazéns, verdadeiro arranjo urbanístico definido por ruas, delimitadas pelas sacas abarrotadas.

O texto imagético, resultado da leitura com a fruição das imagens, conta a História, sensibiliza a Memória e reacende a forte identidade do país, vincada pelo café, em seus mais diversos desdobramentos.

Caro leitor, entre nesta viagem de tempos e espaços definidos, onde a rica iconografia documenta e cria arte. Não retarde o folhear das páginas, das quais quase exalam o perfume dos cafezais e o aroma do café.

À luz do tempo

por Daniel Choma e Tati Costa.

Quais os segredos latentes nas fotografias de Armínio Kaiser? Quais memórias e esquecimentos? Que sonhos elas teriam sonhado a respeito de seus futuros, como provoca Mauricio Lissovsky ao se perguntar o que fazem as fotografias quando não estamos olhando para elas?

Por mais de cinquenta anos, mais de duas mil fotografias realizadas por Armínio Kaiser permaneceram guardadas, à espera, em antigas latas de biscoito. Por sorte, a luz e o ar foram capazes de corroer o ferro, mas não os sais de prata. Por acaso, um encontro se fez no ano de 2007, em Londrina-PR, quando Edson Vieira, Tati Costa e Daniel Choma entraram em contato com Armínio Kaiser e seu acervo. Por identificação e amizade, foram diversas entrevistas gravadas, conversas fiadas, cartas manuscritas, dias inteiros de visita. Manhãs, tardes e noites quentes, sob a luz da terra vermelha. Instantes decisivos para aprender e apreender as motivações do *operator* de tantas fotografias, sua trajetória de vida.

Armínio Kaiser, engenheiro agrônomo nascido em Salvador-BA em 1925, trabalhou como funcionário do Instituto Brasileiro do Café entre 1953 a 1989. Atuou primeiramente no estado de São Paulo, onde se dedicou à pesquisa e difusão de técnicas para a colheita e beneficiamento de cafés finos, de qualidade superior. Precisamente entre os anos de 1953 e 1957, percorreu terras paulistas, mineiras, bahianas e catarinenses a visitar fazendas de café consideradas modelo.

Tati Costa é historiadora e Daniel Choma é comunicador social, coordenadores do Instituto Câmara Clara.

Nas imagens, Armínio Kaiser apresenta suas fotografias durante entrevista registrada em 2011.

Em viagens aos estados de Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina e Espírito Santo, também visitou diversas lavouras de café e se pôs a registrar, com aprimorado olhar técnico e estético, o trabalho de homens, mulheres e crianças. Em todas estas incursões ao universo da cafeicultura, inseparáveis foram suas câmeras Zeiss Ikon e Super Ikonta 533/16 (filmes formato 6x6 cm), Exakta – RTL 1000 e Exakta Varex (filmes 35 mm), com as quais aproveitava para estudar em campo, ao mesmo tempo, técnicas da fotografia e da agricultura.

Em 1957, Armínio foi transferido a Paranavaí-PR para atuar no combate à erosão, sendo posteriormente transferido para a região de Londrina-PR, onde reside atualmente. Entre os anos 1953 e 1970 - quando então passou a trabalhar em pesquisas de melhoramento genético -, Armínio Kaiser registrou cerca de duas mil cenas da cafeicultura brasileira, constituindo assim um dos mais importantes acervos iconográficos sobre o tema no século XX.

Em 2008 a equipe do Instituto Câmara Clara iniciou a higienização, catalogação, digitalização e difusão de 1291 negativos fotográficos e respectivos copiões, imagens registradas por Armínio Kaiser no Norte do Paraná entre 1957 e 1970. O livro Ao sabor do café, lançado em 2009, foi um dos veículos de democratização do acesso ao acervo. As primeiras ações foram viabilizadas com o projeto Revelações da História: o Acervo de Armínio Kaiser, patrocinado pela Prefeitura de Londrina através de seleção pública do Promic - Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina.

Ao lado, imagens de envelopes nos quais Armínio guardou alguns dos seus milhares de negativos fotográficos. De um lado, colava o respectivo copião, onde anotava a caneta os cortes para o caso de ampliação. No verso, informações sobre o tema, local e data de cada registro, bem como o nome do proprietário da fazenda de café. Em muitos deles chegou a anotar o filtro, revelador, temperatura de revelação e fotômetro utilizados.

No vasculhar de caixas, latas e armários em busca de fotografias da cafeicultura no Paraná, descobriu-se que outras centenas permaneciam em esquecimento. Trata-se dos registros realizados por Armínio Kaiser em seus primeiros anos como funcionário do IBC (1953 a 1957), retratando o trabalho na cafeicultura nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Santa Catarina. Imagens presentes neste livro e que pela primeira vez são trazidas à público.

Acima, muda de café registrada por Armínio Kaiser em passagem por Florianópolis-SC, década de 1950.

À esquerda, café recém despolpado, eleirado no terreiro para ser esparramado. Ipaussu-SP, 16 de Junho de 1955.

Abaixo, bastidores do processo de edição deste livro, na residência de Armínio, em 2012.

Foi a partir de novos encontros que, em 2010, teve início o desenvolvimento do projeto Grãos em Movimento, que gerou a publicação deste livro. Com apoio do ProAc – Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, e com o patrocínio da Nestlé, Nescafé e da Café Iguaçu, viabilizaram-se recursos para ações de salvaguarda e organização de todo o acervo (higienização, classificação, catalogação, digitalização e acondicionamento de negativos e copiões). Também foram desenvolvidas atividades de pesquisa e difusão, incluindo a organização e publicação deste Livro DVD - com distribuição gratuita de 50% dos exemplares a escolas, bibliotecas e instituições museais - e a disponibilização de acervo virtual com imagens e textos em www.camaraclara.org.br/graos.

Para esta primeira edição, Ana Luiza Martins, Paulo César Garcez Marins e Vitor Carvalho foram convidados a escrever sobre a importância histórica, artística e cultural das imagens aqui presentes. Das cartas e textos de Armínio Kaiser foram selecionados trechos autobiográficos para situar os leitores sobre os caminhos que percorreu. Mil palavras geradoras capazes de amplificar os sentidos e revelar, em cada um de nós, os possíveis sonhos dos sais de prata.

Na contracapa deste livro você encontra encartado o DVD Cortes - Entrevista com Armínio Kaiser, em que o fotógrafo narra experiências de campo e analisa aspectos da trajetória histórica da cafeicultura brasileira.

Um brinde a todos que saboreiam a fotografia e o café, a luz e o aroma do Brasil.

Lentes ao Norte: novas imagens de Armínio Kaiser, de São Paulo à Bahia.

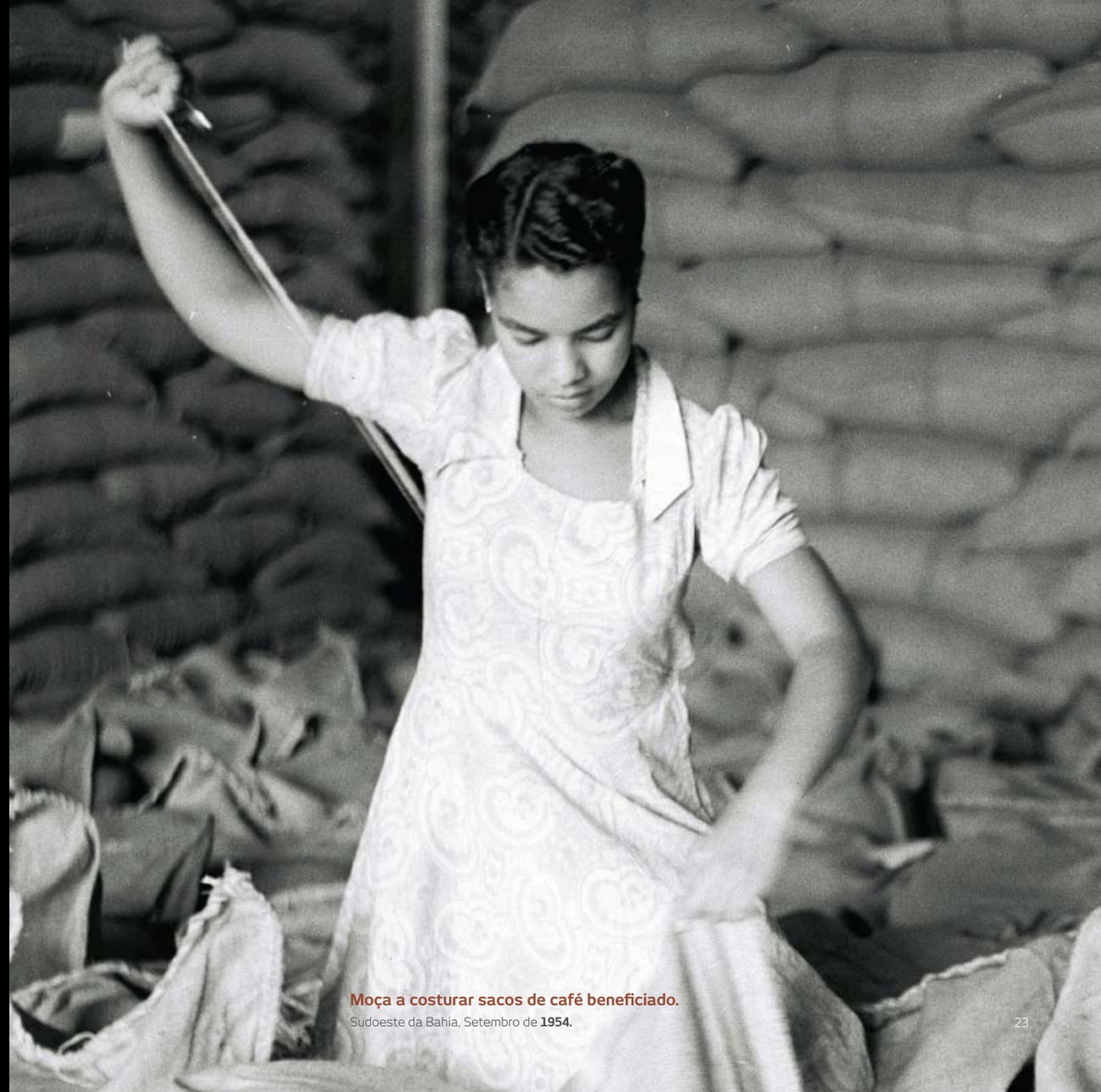
por Paulo César Garcez Marins

A inserção do Brasil no circuito da produção e consumo do café marcou decisivamente mais de 150 anos da história nacional. Maior produtor do mundo desde o século XIX, o país dos cafezais viu seu equilíbrio político, suas paisagens naturais, sua ordem social e sua própria população se alterarem drasticamente em função da riqueza gerada pela exportação dos grãos que estimulavam os corpos e mentes na era acelerada do Capitalismo Industrial.

O rápido enriquecimento dos fazendeiros de café gerou um progressivo protagonismo da atual região Sudeste desbancando definitivamente a produção canavieira dos estados "do Norte". Os sertões do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais e do Paraná foram devassados e devastados para ampliação da área cultivada, um processo que exterminou áreas imensas de mata atlântica, de cerrado e de florestas de araucárias ao longo dos séculos XIX e XX. Também a paisagem humana brasileira se alterou profundamente em decorrência da economia cafeeira, mediante a chegada de centenas de milhares de escravos vindos dos portos da África até 1850 ou trazidos pelo tráfico inter-provincial, até que as levas sucessivas de imigrantes europeus e asiáticos suprissem a sempre crescente necessidade de mão-de-obra demandada pela fronteira móvel da cafeicultura.

Este surpreendente volume ilustrado com fotografias de Armínio Kaiser, dedicado a fotografias realizadas durante a década de 1950 nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia, documenta, com imensa qualidade técnica e plástica, uma parte dessa trajetória social e econômica do Brasil movida pelo café. Depois das conquistas meridionais, estão aqui os cafeeiros ainda vicejando nas terras paulistas, mas também

Paulo César Garcez Marins é docente do Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga) e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. *(Nota dos Organizadores)*



Moça a costurar sacos de café beneficiado.
Sudoeste da Bahia, Setembro de **1954.**

Pesando os sacos de café beneficiado.
Sudoeste da Bahia, Setembro de **1954**.

naquelas mais ao norte, numa dinâmica sem fim por solos e climas que assegurassem as safras que ainda mantém o país, já no século XXI, na liderança da produção mundial de café.

A produção de Armínio Kaiser, divulgada inicialmente em precioso primeiro volume dedicado a fotos do Paraná, ganha nesta nova edição um fôlego redobrado, que o revela mais uma vez entre os excelentes fotógrafos de sua geração. Marcado pelos ecos do Construtivismo, em que a construção das imagens se apropria das formas da paisagem da cafeicultura de modo a explorar sua geometria, Kaiser constrói grande parte de suas fotografias de maneira quase abstratas, tomando viveiros, sacas e terreiros de forma que quase não os reconheçamos imediatamente. Outras fotos, mais intimistas, documentam gestos e olhares dos trabalhadores do café, diferenças que produzem um confronto visual que revela os amplos recursos da técnica e da plástica que Kaiser manejava.

O mundo do trabalho é protagonista de suas fotos. Mulatos, negros e brancos são revelados em suas imagens, numa captura de corpos em movimento que lembram as belas fotografias de Pierre Verger e Marcel Gautherot realizadas no mesmo tempo em que Kaiser percorria as fazendas de café. Mulheres são tão presentes nesta seleção quanto os homens, atuando da faina das colheitas à precisão da seleção dos grãos. Máquinas, trilhos e armazéns documentam uma escala industrial do beneficiamento dos grãos, mas que jamais dispensava a presença dos trabalhadores.

Sua sensibilidade plástica capturou cenas das fazendas paulistas quando já há muito o estado deixara de ser o centro incontestável da produção de café. Várias localidades do Estado de São Paulo estão, entretanto, aqui representadas, demonstrando a vitalidade de propriedades em Bragança Paulista, Araras, Itatinga, além de várias imagens da fazenda Palmeiras, em Ipaussu, uma vasta propriedade ligada à família Teixeira de Camargo, que ali investira capitais acumulados desde as primeiras fazendas possuídas pelos Nogueiras e Novaes de Camargo em Campinas.

Várias das imagens reunidas nesse livro representam uma outra célebre fazenda paulista, a Lageado, antiga propriedade da família Conceição que, em 1934, em decorrência das insolvências geradas pela crise de 1929, foi federalizada, sendo ali instalada a Estação Experimental de Café de Botucatu. Dedicada a estudos que possibilitassem o aprimoramento e competitividade da produção cafeeira do país,

a Lageado consolidou-se como referência agrícola até que, em 1972, foi cedida ao governo estadual paulista, que a tornou parte da atual Faculdade de Ciências Agronômicas do Campus Botucatu da Universidade Estadual Paulista (UNESP). A importância do conjunto arquitetônico da fazenda fez com que, em novembro de 2011, os membros do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) recomendassem seu tombamento pelo governo estadual, tamanha sua importância para a história da agricultura e da agronomia paulistas.

Outras fotos de Armínio Kaiser, aqui reunidas, documentam práticas ligadas ao aprimoramento da cafeicultura realizadas pelo Instituto Agronômico de Campinas, especialmente em sua Fazenda Santa Eliza. Suas lentes testemunharam as diferentes soluções adotadas para otimizar a produção dos cafeeiros, em tempos de aposta nos "cafés finos" e não mais na ampliação depredadora das fronteiras. A ciência estabelecia-se como solução para colheitas mais qualificadas e abundantes. Kaiser, engenheiro agrônomo formado pela ESALQ/USP, soube explorar plasticamente as novas técnicas e tecnologias, documentando-as e, simultaneamente, revelando a beleza das paisagens e maquinários que surgiam da ação de seus colegas de profissão.

Imagens da Fazenda Lagoa, localizada em Santo Antônio do Amparo (MG), município situado no Campo das Vertentes, próximo a Lavras, que continua produzindo café, e da Fazenda Lagoa do Morro, em Brejões, situada na Bahia natal de Kaiser, representam o café nas paragens setentrionais, livres das geadas que castigavam de tempos em tempos as plantações do Sul e Sudeste. São testemunhos precoces da fronteira que se expandiria ao longo do século XX e que transformaria muitas fazendas, sobretudo mineiras, em centros de produção de notáveis cafés finos, que vêm renovando o perfil da cafeicultura brasileira já há algumas décadas.

Que as muitas latas em que Armínio Kaiser guardou suas preciosas fotografias continuem revelando, pela ação da equipe de Tati Costa, Daniel Choma e Edson Vieira, a beleza da natureza transformada de nosso país, que o fotógrafo soube traduzir, com sutil sensibilidade, para as imagens em tons de prata.

Na foto à esquerda, colocação de adubo orgânico na cova de café.
Fazenda da Lagoa. Santo Antonio do Amparo-MG, 12 de Novembro de **1955**.

A fotografia solúvel de Armínio Kaiser

por Vitor Carvalho

O café solúvel é fabricado em forma de grânulos ou em pó. Estes devem ser preparados para consumo com adição de água, preferencialmente quente. É instantâneo, é simples de fazer.

As fotos de Armínio Kaiser, me despertaram um grande encantamento pela sua simplicidade, a facilidade de composição, uma limpeza e geometria presente nos trabalhos dos grandes artistas modernistas do século passado.

Numa primeira análise, imagino o impulso motivador do autor. Um paralelo entre a realização e a intenção. Seu trabalho se diferencia, pois não cumpre apenas a função de testemunha e documento. Sua materialidade amplia os sentidos da fotografia documental. É antes de tudo um trabalho autoral, pois a intenção a que se dispõe nos mostra muita técnica, estética, expressão e, principalmente, a relação do autor e o assunto retratado, onde suas imagens podem ser lidas como um livro de história.

Kaiser desenvolve um conjunto visual muito significativo, no qual surge um gênero narrativo espontâneo, nos aguçam a olhar o passado e observar o mundo contemporâneo. Seu compromisso com a realidade da cafeicultura o possibitou inventar um mundo visual só para si, com a estética de seu olhar apurado.

Vitor Carvalho é fotógrafo, artista plástico e professor de fotografia na Faat - Faculdades Atibaia.
Tem expressiva atuação com Intervenção Urbana, Produção Cultural e Cinema.
Atuou como Secretário de Cultura de Atibaia-SP de 2003 a 2012.
(Nota dos Organizadores)

É quase que mágico saber que muitas imagens passaram muitos anos aprisionadas em latas de biscoitos, à espera de algum destino. O olhar do fotógrafo se perderia ao longo do tempo? A resposta é que seu olhar ficou imune e resistiu ao domínio de todos os códigos ou imposições temporais, sejam elas conceituais ou técnicas.

Fotografias guardadas, relíquias reveladas, reeditadas, superfície sensível, marcas do passado... Memória presente. Essas imagens um dia foram muito próximas de quem as produziu, daqueles que as possuíam, e hoje? Qual sensação ela causará nos espectadores menos avisados... Eu respondo assim: o conjunto das imagens de Kaiser é presente... Pura arte! Segundo Picasso, "Não há, na arte, nem passado nem futuro. A arte que não estiver no presente jamais será arte". Diferente de um trabalho apressado e comum de uma reportagem fotográfica diária, percebo que o autor considera a existência dos sujeitos diante da lente, suas histórias e a relação com seu trabalho.

O ambiente da cultura do café é a moldura que se dá em resultados compartilhados entre seus retratos, as cenas ou apenas os registros. Tudo isso compõe um vasto repertório destas vivências, que foram fundamentais para que o conjunto do trabalho, em minha opinião, chegasse a um nível soberbo. Com muita sensibilidade o autor mostra sua força em nos fazer retomar um tempo, comparar e recuperar a memória da cafeicultura no Brasil e seu papel na preservação da memória coletiva e na construção de nossa identidade cultural.

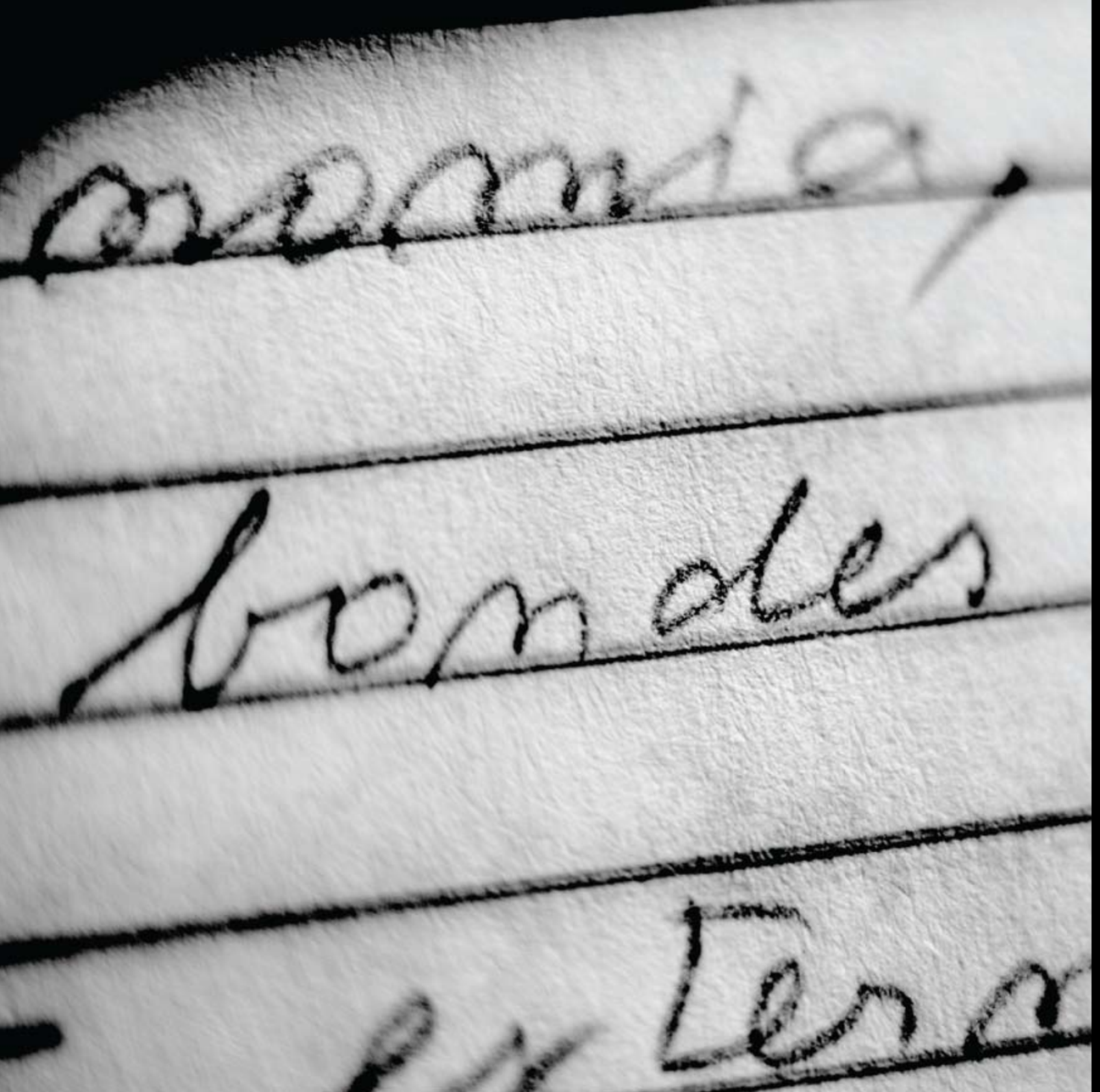
A fotografia documental não é neutra. Ela carrega ideologias e intenções, que representam a vontade ou o pensamento do fotógrafo. Cabe a nós, com este lindo registro, decodificar o que não foi explicitamente revelado nas imagens fotográficas de Armínio Kaiser.

Cartas

por Armínio Kaiser

Nasci em Salvador, em 1925, no dia de finados. Desfrutei a adolescência nos fins dos anos 30 e início dos 40. Era uma época turbulenta repleta de ideologias contraditórias e as ditaduras estavam na moda. Apesar do Estado Novo, da pesada ditadura Vargas, o eterno, discutíamos o integralismo, fascismo, nazismo, eugenia, comunismo e até mesmo positivismo, anarquismo e... Democracia.

Talvez movido por uma inconsciente prudência preferi me enfronhar no que era conhecido como Neo-malthusianismo, que contestava o próprio Malthus (1766-1834) por considerar que o tremendo desenvolvimento da revolução industrial, ocorrido logo após a publicação da sua trágica advertência, em 1798, havia perdido a sua razão de ser. Julgava-se que a ciência aplicada à agricultura, aumentando extraordinariamente a produção de alimentos e associada ao controle da natalidade não dariam espaço a tão temida explosão de gente faminta.



Nas fotos, Armínio em sua juventude.
Acima, retrato de recém formado.
Abaixo, a percorrer os sertões de Minas Gerais,
com amigos. Do acervo pessoal de Armínio Kaiser.

Mas até os próprios neo-malthusianistas admitiam que a agricultura era uma das atividades humanas que menos reagia ao fabuloso surto do desenvolvimento científico e que o controle da natalidade não atingia, nem de longe, níveis satisfatórios. Era preciso agir logo, antes que fosse tarde demais, mas isto não conferia ressonância nem no capitalismo nem no socialismo.

Leituras como "Caçadores de micróbios" e "Vencedores da fome" me guiaram para a escolha da profissão. Mais tarde, obras de Josué de Castro esclareceram como rebentos humanos são manipulados através da fome. Concluí que o melhor remédio para evitar doenças, fome e outros pandemônios era comida. Escolhi agronomia. Comecei por Cruz das Almas, na Bahia e terminei por Piracicaba, em São Paulo. Formado fui para Belo Horizonte onde trabalhei em tecnologia de alimentos, tendo também oportunidade de percorrer os Grandes Sertões Mineiros durante 1950 e 1951. Apareceu uma oportunidade em uma indústria madeireira no litoral baiano que se propunha liquidar a Mata Atlântica sem nenhum peso de consciência. Derrubar árvores era um ato patriótico para expandir horizontes econômicos. Bem... havia florestas, sim, mas madeira mesmo, não. Temendo o desastre voltei para São Paulo.

Em 1953 entrei no IBC (Instituto Brasileiro do Café).

"Cafeicultor, produza cafés finos"

Ao chegar a São Paulo, em início de 1946, vindo de Salvador, minha cidade natal, com destino a Piracicaba para estudar agronomia na "Luiz de Queiroz" vi, escrito nos bondes, na parte externa, abaixo do teto, um aviso ou advertência: "Cafeicultor, produza cafés finos".Considero ter sido meu primeiro contato com a cafeicultura. Achei de início um pedido bizarro, pois ignorava porque os cafeicultores precisavam ser alertados para melhorar o seu produto.

Já no início do curso fui descobrindo que havia necessidade premente em tornar o nosso café mais aceitável no mercado consumidor em vista dos cafés "mildes", isto é, de sabor suave, produzidos nos países concorrentes, como Colômbia e outros da América Central, os quais tinham prioridade na aceitação do mercado. Percebi que as produções são fortemente afetadas por fatores geográficos e, por conseqüência, climáticos.

A grande concentração de nossa cafeicultura localiza-se logo ao norte do Trópico de Capricórnio, mas os cafezais da Colômbia se situa pouco ao norte do Equador. Isto determina a época das safras. Na Colômbia, a diferença de estações é quase ou inteiramente nula. O mesmo não ocorre em nossa maior região cafeeira. A proximidade do Equador, no hemisfério norte, provoca, pela pouca diferença nas estações, certa floração quase constante e ausência de uma única época de produção.

Assim, na Colômbia, ocorrem duas safras a mais. Uma menor, a mitaca, ao redor da Semana Santa e outra maior, em outubro. No entanto, pode ser observada durante o ano, esporadicamente a presença de flores e mesmo frutos. Isto permite o aproveitamento de grande quantidade de cafés "cereja" e a produção de despolpados de sabor suave. O contrário acontece em nossa maior região cafeeira. A safra ocorre numa época bem definida. Ela começa no início de maio quando surgem os primeiros frutos maduros conhecidos como "cerejas", e termina com o surgimento dos "bóias", cafés secos, nos fins de julho e início de agosto. Ocorre grande vantagem de o inverno ser seco, com raras chuvas. A concentração da produção num período relativamente curto determina um tremendo esforço para se efetuar a colheita com a necessária rapidez, o que tem um preço: a quantidade, exigindo grande atenção, prejudica os cuidados relacionados à qualidade.

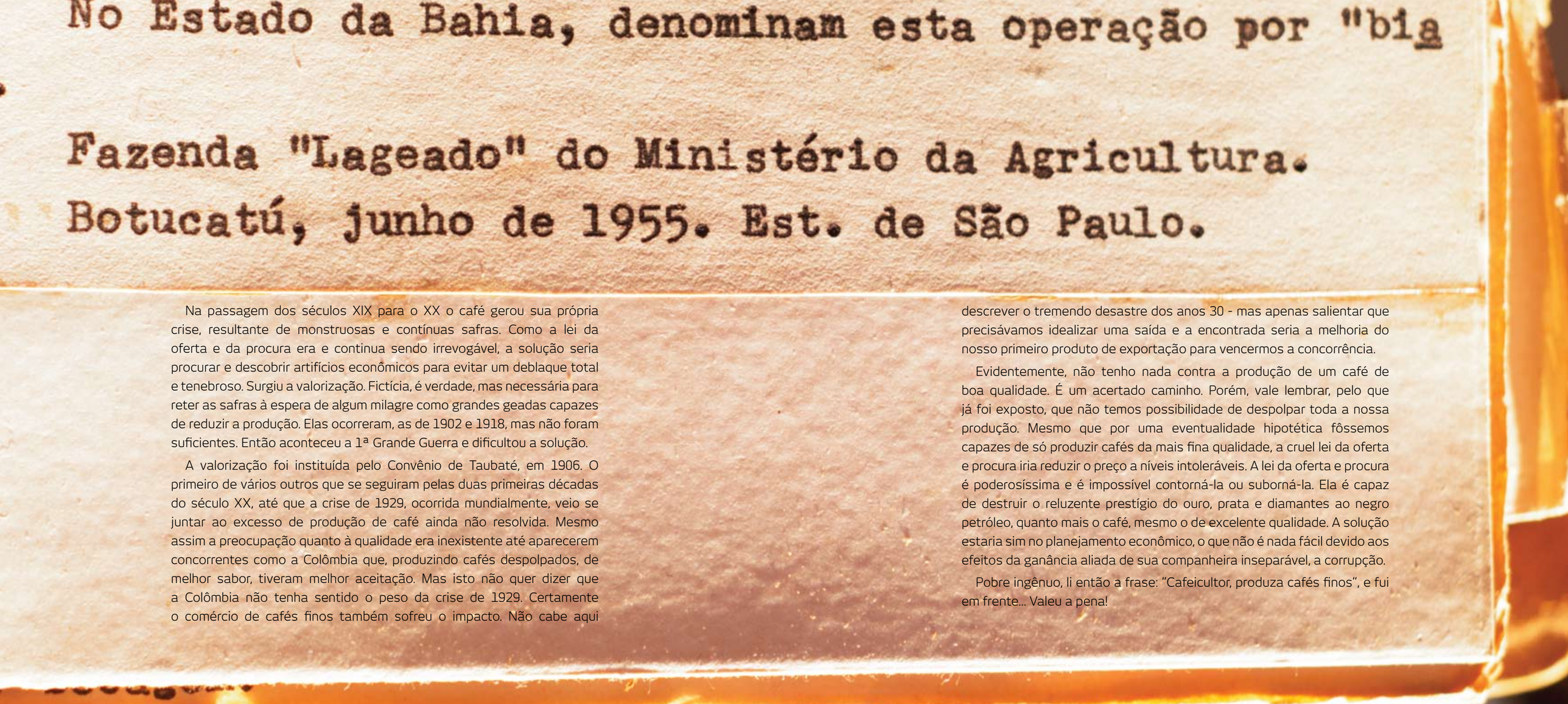
A Colômbia, nosso maior concorrente na questão da qualidade, tem melhores condições de obter maior aproveitamento do café maduro "cerejas", que precisa ser despolpado. Esta operação consiste na retirada da casca e da camada mucilagenosa e açucarada que envolve a semente protegida por uma cápsula chamada pergaminho, removida na operação de benefício após a secagem. O despolpamento evita que a fermentação da camada açucarada prejudique o sabor do café, obtendo-se assim produtos de melhor aceitação e preço.

Na Colômbia, o café "cereja" é colhido a dedo, sem o concurso do café verde, para não estragar a qualidade do produto. A colheita é mais trabalhosa e só pode ser executada por gente mais dependente economicamente e que aceite uma remuneração mais submissa. É o que se convencionou chamar de 'mão-de-obra barata'. Isso não impede que se obtenha um bom café de terreiro e uma certa quantidade de "cereja" para a obtenção de despolpados, isto é, os cafés finos, os suaves "mildes". Para tanto certos cuidados precisam ser tomados, o que exige mais investimentos e trabalhos. Aí o entrave!

Além disso, fatos históricos concorreram para que, no passado, não houvesse no Brasil preocupação quanto à qualidade. Havia uma desenfreada avidez de café nos países consumidores, ditos adiantados, devido à revolução industrial que lá ocorria vertiginosamente no século XIX. É de se imaginar também a qualidade do café do Vale do Paraíba, produzido por trabalho escravo, secado, por vezes, em terreiros de chão batido. Descia para os portos no lombo de mulas dos tropeiros, através, não de estradas, mas de caminhos que mudavam o curso conforme as chuvas torrenciais de primavera e verão. Daí o uso obrigatório de sacos de couro para tentar proteger o café da umidade.

A estrada de ferro Dom Pedro II só foi atingir as margens do rio Paraíba em 1864, em Barra do Piraí facilitando muito o escoamento. Cabe observar que a aceitação do nosso café continuava relativamente boa. Certamente houve um maior estímulo à eclosão de novos plantios, não obstante as várias crises na segunda metade do século XIX, geradas nos países ricos, compradores de café. A Europa e os Estados Unidos amargaram pesadas e sérias dificuldades, que não cabe aqui discutir, embora tenham afetado o comércio cafeeiro.

Na imagem, página da monografia desenvolvida por Armínio Kaiser, no início da década de 1950.



Na passagem dos séculos XIX para o XX o café gerou sua própria crise, resultante de monstruosas e contínuas safras. Como a lei da oferta e da procura era e continua sendo irrevogável, a solução seria procurar e descobrir artifícios econômicos para evitar um deblaque total e tenebroso. Surgiu a valorização. Fictícia, é verdade, mas necessária para reter as safras à espera de algum milagre como grandes geadas capazes de reduzir a produção. Elas ocorreram, as de 1902 e 1918, mas não foram suficientes. Então aconteceu a 1ª Grande Guerra e dificultou a solução.

A valorização foi instituída pelo Convênio de Taubaté, em 1906. O primeiro de vários outros que se seguiram pelas duas primeiras décadas do século XX, até que a crise de 1929, ocorrida mundialmente, veio se juntar ao excesso de produção de café ainda não resolvida. Mesmo assim a preocupação quanto à qualidade era inexistente até aparecerem concorrentes como a Colômbia que, produzindo cafés despolpados, de melhor sabor, tiveram melhor aceitação. Mas isto não quer dizer que a Colômbia não tenha sentido o peso da crise de 1929. Certamente o comércio de cafés finos também sofreu o impacto. Não cabe aqui descrever o tremendo desastre dos anos 30 - mas apenas salientar que precisávamos idealizar uma saída e a encontrada seria a melhoria do nosso primeiro produto de exportação para vencermos a concorrência.

Evidentemente, não tenho nada contra a produção de um café de boa qualidade. É um acertado caminho. Porém, vale lembrar, pelo que já foi exposto, que não temos possibilidade de despolpar toda a nossa produção. Mesmo que por uma eventualidade hipotética fôssemos capazes de só produzir cafés da mais fina qualidade, a cruel lei da oferta e procura iria reduzir o preço a níveis intoleráveis. A lei da oferta e procura é poderosíssima e é impossível contorná-la ou suborná-la. Ela é capaz de destruir o reluzente prestígio do ouro, prata e diamantes ao negro petróleo, quanto mais o café, mesmo o de excelente qualidade. A solução estaria sim no planejamento econômico, o que não é nada fácil devido aos efeitos da ganância aliada de sua companheira inseparável, a corrupção.

Pobre ingênuo, li então a frase: "Cafeicultor, produza cafés finos", e fui em frente... Valeu a pena!

A minha permanência no Estado de São Paulo entre 1953 a 1957 - já como funcionário do Instituto Brasileiro do Café (IBC) -, esteve ligada à produção de cafés finos, quer através de despolpamento dos frutos "cerejas", assim como de um bom café de terreiro.

Nessa ocasião cheguei a redigir uma monografia sobre o despolpamento que não foi publicada por dificuldades várias, principalmente da minha transferência para Paranavaí, no Estado do Paraná, a fim de dar cumprimento de um acordo com o governo desse Estado que não tinha ainda uma rede assistencial à cafeicultura como aquela de que já dispunha o Estado de São Paulo.

Paralelamente à difusão de incentivos para a produção de um bom café, aproveitei a oportunidade de registrar, em São Paulo, alguns outros aspectos fotográficos ligados à cafeicultura. Evidentemente foi enfocado com maior interesse a produção de café fino, através do que ficou conhecido "por via úmida", isto é, despolpamento, para diferenciar do café de terreiro chamado "por via seca".

Estas imagens e observações ficaram guardadas por mais de meio século, mas graças ao apoio da Nestlé-Nescafé, do Instituto Câmara Clara, da Café Iguaçu e do ProAc - Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, elas são agora levadas a público. Vale lembrar que contêm um toque de sabor histórico, isto é: sobre como se tentou popularizar o despolpamento nos anos 50 do século passado. No entanto, a sentença "Cafeicultor, produza cafés finos" continua atual.

No fim da infância e início da adolescência comecei a mexer no baú de reminiscências do meu avô e mergulhei na magia da fotografia: congelamento de um instante do tempo.

Meu avô era imigrante português que na segunda metade do século das luzes trouxe fotografia para a Bahia. Nessa época tirar uma fotografia era um acontecimento raro e caro. Ele se firmou não só em Salvador como viajando pelas cidades do interior. Ele, Pedro Gonsalves da Silva, não fez fortuna, mas conseguiu um excelente padrão de vida a ponto de levar toda a família, em 1910, para Paris, onde minha mãe conheceu meu pai, Emil Kaiser, súdito de Francisco José. Bem, o resto vocês podem imaginar.

Meu avô procurou esquecer o nome Silva para evitar ser confundido como descendente de cristão novo, preferindo ser conhecido como Pedro Glz. Daí os descendentes adotarem o "Gonsalves" invés de "Silva", nome muito vulgar. Depois, por erro do cartório, tornei-me Gonçalves, com ce cedilha.

Em resumo: isso foi a razão de ter incluído a fotografia como uma companheira constante de minha vida. Depois veio a computação gráfica, digitalização, coisas que não acompanhei por serem desprovidas de élan.

Pedro Gonsalves da Silva e
Bernardina Siqueira da Silva, os avós.

Da esquerda para a direita, Olga Gonsalves Kaiser, a mãe; Emil Kaiser, o pai; casamento de Armínio Kaiser e Jovita. Abaixo, Armínio Kaiser em Salvador, com cerca de 9 anos de idade e sua primeira câmera fotográfica em mãos.

Fotografias

e legendas de Armínio Kaiser

Plantio 49

Cultivo 75

Colheita 87

Secagem 101

Beneficiamento 131

Armazenagem 139

Organizado por Daniel Choma e Tati Costa

Fotografias de Armínio Kaiser

Câmara Clara

Car@ amig@!

Acesse a página
www.camaraclara.org.br/livros_ao_aroma_do_cafe.htm

e adquira a edição impressa do livro
Ao Aroma **do Café** (148 páginas).

Com isso, você estará incentivando
o Instituto Câmara Clara a realizar
novas ações de preservação e difusão
do patrimônio cultural brasileiro.

Aquele abraço!

Daniel Choma e Tati Costa, organizadores.